

# TICs, TICKs e Economia de Plataforma: Ecossistemas Digitais e Perspectivas de Desenvolvimento

JULIO LUCCHESI MORAES (\*)

O presente texto dá continuidade à série de estudos sobre tendências e perspectivas no universo da Economia Criativa e das TICs. Nossa reflexão se concentrará no conceito de Economia de Plataforma, tangenciado ao longo de diversos artigos anteriores, mas ainda carente de um adequado adensamento analítico. Para além de mais um termo na extensa coleção de jargões tecnológicos, julgamos ser possível atribuir centralidade a esse modelo de negócio, nele enxergando potencialidades econômicas ímpares. Não seria descabido considerar a Economia de Plataforma um dos determinantes maiores do atual crescimento econômico global, sendo o fenômeno responsável também por importante mutação na paisagem geopolítica.

## 1 Economia de Plataforma: Definição e Histórico

Em janeiro deste ano, o jornal britânico *Financial Times* publicou o texto “Os BRICs estão mortos. Vida longa aos TICKs”, assinado pelo jornalista Steve Johnson (2016). Partindo da análise de dados sobre fluxos de investimentos internacionais nos mercados emergen-

tes, propõe o autor uma espécie de obitório do famoso acrônimo lançado em 2001 pelo economista do Goldman Sachs, Jim O’Neill. Para a composição do novo grupo (os “TICKs”), saem de cena Brasil e Rússia, entrando em seu lugar Taiwan e Coreia do Sul.

A proposta da sigla é amplamente questionável e nela podemos ver apenas mais uma de muitas do gênero.<sup>1</sup> Mais interessante, contudo, é valer-se do episódio para refletir sobre algumas inflexões nos determinantes fundamentais da dinâmica econômica e geopolítica internacional. De fato, a substituição de Rússia e Brasil por Taiwan e Coreia do Sul traz consigo a identificação de importantes transformações na distribuição dos recursos ao longo das cadeias globais de valor nos distintos setores da economia. Enquanto os dois primeiros países são identificados de maneira negativa, como altamente sensíveis aos preços das *commodities* e mercados por relativo isolamento político, os demais são vistos como promessas econômicas para as próximas décadas.

O destaque dos TICKs não decorre exclusivamente de sua crescente

participação no setor tecnológico, mas sim de sua capacidade de movimentar-se de graus acima na captura desse valor.<sup>2</sup> Enquanto há alguns anos tais países figuravam como simples provedores de mão de obra barata, vemo-los agora inscritos de maneira mais central no universo das TICs. Se é possível identificar nessas diversas iniciativas um padrão, é o esforço rumo à conquista de espaço dentro de segmentos de maior valor agregado. Nesse contexto, nenhum nicho parece ser mais estratégico do que a chamada Economia de Plataforma.

A despeito da grande variação de definições, podemos trabalhar a Economia de Plataforma dentro da dupla definição proposta por Peter Evans e Annabelle Gawer. As plataformas são por eles descritas como modelos de negócio – na imensa maioria dos casos desenvolvidos no âmbito digital – que extraem valor a partir da prestação de dois serviços (ou ambos):

As chamadas **plataformas multilaterais** são aquelas que permitem a facilitação de conexões entre distintos usuários, possibilitando transações que provavelmente não ocorreriam ou ocorreriam de

maneira significativamente menos eficiente fora de tal ambiente;

Por sua vez, as chamadas **plataformas de inovação** são suportes que se baseiam na constituição dos chamados ecossistemas digitais. A ideia central é que agentes terceiros – usuários, colaboradores, desenvolvedores independentes etc. – podem aí disponibilizar serviços e produtos complementares.

Há, obviamente, bastante discussão a respeito da correta nomenclatura desse fenômeno. Percebemos, nesse sentido, que o termo tangencia e deriva de conceitos correlatos (Cf. KENNEY; ZYSMAN, 2015, p.6). O elevado componente inovador da Economia de Plataforma, por exemplo, traz importantes aproximações com a Economia Criativa. Sua dinâmica colaborativa, por sua vez, sugere pontes de contato com a Economia de Compartilhamento (*'Sharing Economy'*). Há, além disso, evidentes conexões como as discussões de termos como “capitalismo informacional” ou “economia de rede”, conceitos cunhados na década final do século XX.<sup>3</sup> Obviamente, diante dos desafios e da dimensão amplificada dos ecossistemas digitais, esses debates precisam ser constantemente revisitados.

Claro está, outrossim, que a relativa juventude da discussão explica a oscilação na definição do conceito. Podemos enxergar em diversos eventos recentes passos importan-

tes na constituição dessa narrativa. O ano de 2007 foi o de lançamento da Plataforma do Facebook, decisão que permitiu a entrada de serviços de desenvolvedores terceiros na rede social. No ano seguinte, foi lançada a App Store da Apple, possibilitando o desenvolvimento de aplicativos independentes para os aparelhos operados pelo sistema iOS, como o iPhone ou o iPad (VAN DIJCK, 2013, p.48).

Ao que tudo indica, as aberturas a desenvolvedores independentes seguirão sendo uma importante tendência no universo digital ao longo dos próximos anos. Um dos mais recentes capítulos dessa história foi a abertura do código de linguagem Swift da Apple (FINLEY, 2015). A decisão da empresa precisa ser entendida dentro do contexto de disputa pela hegemonia nas linguagens de programação nos próximos anos. Num ambiente de negócio em que a colaboração e os efeitos de rede são o cerne gerador de valor, decisões desse tipo transcendem os debates técnicos, significando o efetivo sucesso ou o total fracasso de todo um ecossistema.

## 2 Economia de Plataforma: Uma Questão Geopolítica

Se há uma disputa entre diferentes conglomerados empresariais, podemos repensar a Economia de Plataforma – bem como a temática dos TICKs – sob um prisma distinto: a fundamental conexão entre Eco-

nomia de Plataforma e geopolítica. De fato, mais do que uma simples novidade tecnológica, a Economia de Plataforma traz importantes inflexões no que se refere à dinâmica de produção, circulação e retenção de valor. Por sua essência digital, a Economia de Plataforma pode levar a novos arranjos nas cadeias globais de valor ou, em termos ainda mais ambiciosos, a novas modalidades de hegemonia e imperialismo cultural e econômico (JIN, 2015).

Há interessantes reflexões a respeito da dimensão territorial dessa nova economia. A questão é, de fato, relevante. Os recentes debates sobre a taxação de serviços de *e-commerce* ou de *streaming* são apenas um dos muitos exemplos dos desafios de interlocução da Economia de Plataforma com o universo político. A estes podemos adicionar muitos outros: distinções nos marcos regulatórios e concorrenciais de cada país, discussões a respeito do alojamento de estruturas físicas (como *datacenters*) além, é claro, de temas ligados à soberania tecnológica, cultural e política dos países – e alguns dos quais já povoam os debates acadêmicos e regulatórios (Cf. PON, 2015 e OCDE, 2012).

Ainda mais relevante, podemos refletir sobre a sobreposição de interesses entre grupos privados e projetos oficiais. Ao menos dois exemplos atuais ilustram bem essa situação: o da China e o da Coreia

do Sul. Muito se fala da proibição (total ou parcial) de acesso a sites e redes sociais norte-americanas na China. Na maioria dos casos, essa polêmica é lida sob a ótica da censura imposta pelo Partido Comunista Chinês. Cabe perguntar-se, todavia, até que ponto a proibição de aplicativos e sites internacionais não deve ser vista sob o primado de uma estratégia política de proteção a empresas e grupos locais.

O caso sul-coreano é igualmente curioso: o que se registra no país asiático é a incrível dependência em relação a seu maior e mais destacado conglomerado tecnológico, a Samsung. Em 2014, as vendas da Samsung corresponderam a nada menos do que um quinto do PIB sul-coreano. Seria ingênuo desconsiderar esse gigantismo quando da análise de toda e qualquer política interna e externa realizada pelo país. Com a expansão de atividades dos grandes conglomerados para cada vez mais áreas da economia, é de se esperar que esse tipo de simbiose apenas se intensifique ao longo dos próximos anos.

Se cabe encerrar com um exemplo ilustrativo, podemos aqui recorrer ao recente anúncio de que a Alphabet, empresa controladora do Google, ultrapassou o valor de todas as empresas da BOVESPA conjuntamente. Temos aí apenas mais um dos muitos indícios de que a Economia de Plataforma precisa ser vista com centralidade e seriedade se quisermos compreender a

atual dinâmica do desenvolvimento econômico global.

## Referências

CASTELLS, Manuel. *The rise of the network society*. Malden, MA: Blackwell Publishers, 1996. (The Information Age: Economy, Society and Culture, v. 1).

EVANS, Peter C.; GAWER, Annabelle. *The rise of the platform enterprise: a global survey*. New York: The Center for Global Enterprise, 2016. (The Emerging Platform Economy Series n. 1).

FINLEY, Klint. *Open sourcing is no longer optional, not even for Apple*. Wired, 06 Set. 2015. Disponível em: <<http://www.wired.com/2015/06/open-sourcing-no-longer-optional-not-even-apple/>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

JIN, Dal Yong. *Digital platforms, imperialism and political culture*. Routledge, 2015.

JOHNSON, Steve. *The Brics are dead. Long live the Ticks*. Financial Times. 28 Jan. 2016. Disponível em: <<http://www.ft.com/cms/s/2/b1756028-c355-11e5-808f-8231cd71622e.html#axzz3zJSrtsq9>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

KENNEY, Martin; ZYSMAN, John. Choosing a future in the platform economy: the implications and consequences of digital platforms. *Kauffman Foundation New Entrepreneurial Growth Conference*. Discussion Paper. Amelia Island Florida – 18 e 19 Jun. 2015. Draft.

MORAES, Julio Lucchesi. A dança das cadeias: novas distribuições de valor no universo das TICs. *Informações FIPE*, n. 422, p.25-29, nov. 2015.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO [OCDE]. *The Digital Economy*. OCDE, 2012.

PON, Bryan. Locating digital production: How platforms shape participation in the global app economy. *AAG 2015 workshop on Geographies of Production in Digital Economies of Low-Income Countries*. 2015

Annual Meeting of the Association of American Geographers (AAG). Chicago, 21 -25 abril, 2015.

SHAPIRO, Carl; VARIAN, Hal. *Information rules: a strategic guide to the network economy*. Boston: Harvard Business School Press, 1999.

VAN DIJCK, Jose. *The culture of connectivity: a critical history of social media*. Oxford University Press, 2013.

1 Além dos BRICs, povoam o universo dos acrônimos o grupo dos MINTs (México, Indonésia, Nigéria e Turquia), os CIVETS (Colômbia, Indonésia, Vietnã, Egito, Turquia e África do Sul) ou os chamados “Próximos Onze” (“Next Eleven”) – Bangladesh, Egito, Indonésia, Irã, México, Nigéria, Paquistão, Filipinas, Turquia, Coreia do Sul e Vietnã.

2 Para uma discussão sobre essa questão, ver Moraes (2015).

3 De uma vasta e heterogênea bibliografia dentro dessa temática, podemos destacar aqui as seminais reflexões de Shapiro e Varian (1999) e Castells (1996).

Errata: no artigo da edição nº 423, informamos que o mercado de televisão por assinatura seguia em crescimento no Brasil. Dados publicados pela ANATEL em dezembro de 2015, contudo, indicaram que a base de assinantes registrou a primeira queda em relação ao ano anterior desde 2002.

(\*) Graduado em Ciências Econômicas e Doutor em História Econômica pela USP. Trabalha com temas ligados à Economia da Cultura, Economia Criativa e Economia da Tecnologia, da Informação e Comunicação (TICs). (E-mail: julio.moraes@usp.br).